

GENEALOGIAS DE FAMÍLIAS, EXPERIÊNCIAS ESCOLARES E SABERES PRÁTICOS: RELATO DE UMA VIRADA PEDAGÓGICA NO IFBA - BARREIRAS

Wendell Marcel Alves da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: Este relato tem por objetivo descrever as etapas para a realização da experiência pedagógica *Genealogias de famílias: histórias, memórias e narrativas*. A atividade teve como motivação a superação dos dilemas enfrentados em sala de aula, e para isso tornou-se necessário desenvolver habilidades de comunicação e empatia nos estudantes afim de reconhecer as histórias de vida. A representação destas histórias deu-se através da produção de genealogias de famílias, a partir de pesquisas de campo e entrevistas com os familiares dos alunos. Nesse contexto, investiga-se as memórias e narrativas colhidas no campo, compartilha-se as diversas experiências dos estudantes e elabora-se um lugar de trocas de confidências e sensações emocionais por um viés antropológico. Como resultado, apresenta-se uma virada pedagógica em sala de aula, quando a relação professor-aluno, aluno-aluno e aluno-família oportuniza novas formas de se relacionar, se comunicar e estabelecer trocas de aprendizagens humanas, sociais e pedagógicas.

Palavras-chave: Experiências escolares, saberes práticos, genealogias de famílias, Educação escolar.

Considerações iniciais.

Como nos relacionamos com as memórias de nossas famílias? Esta pergunta surgiu após as dificuldades apresentadas por parte dos estudantes em resgatar as memórias de suas famílias numa turma do ensino médio técnico integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – Campus Barreiras. O contexto era relacionar as histórias e memórias das famílias dos alunos ao conteúdo de Antropologia, referente aos métodos etnográficos e os dados empíricos da pesquisa de campo, em aula teórica. Refletimos sobre essa questão e chegamos à conclusão de que as histórias e memórias de famílias estavam encobertas pelas tecnologias de comunicação da contemporaneidade, quando as redes sociais, ao mesmo tempo que possibilitam explorar as comunicações sociais, produzem o cerceamento em torno da experiência com estas mesmas relações sociais. Arquivos materiais e simbólicos como fotografias, cartas, bilhetes, causos e narrativas familiares perderam-se diante dos dispositivos tecnológicos de comunicação e, aqui, o objetivo era ressignificar essas relações por meio dos arquivos das famílias.

Neste momento, diagnostiquei que os jovens estudantes, entre 15 e 18 anos, não recordavam ou não sabiam das histórias de suas famílias, desconheciam os nomes dos parentes, esqueciam os momentos marcantes, os aniversários, as festas, as heranças simbólicas familiares. Diante desta questão pedagógica e social propus oportunizar a experiência dos alunos em dialogar com o passado dos mesmos por meio das genealogias de suas famílias. Esta iniciativa convergia diretamente com o conteúdo programático do ensino médio.

O conteúdo trabalhado englobou a possibilidade de se pensar as emoções, as histórias e os sentidos que giram em torno da produção de identidades dos jovens estudantes do segundo ano, numa cidade central do oeste baiano. O conteúdo refere-se à disciplina de Antropologia, própria da estrutura curricular da instituição, e revela conceitos-chaves para o posicionamento crítico nas relações sociais: alteridade, etnocentrismo, diversidade cultural, identidade, etnicidade, trabalho de campo e métodos de pesquisa antropológica (entrevista, vídeos, escrita), afetos e emoções, memórias e história oral.

Os alunos apresentaram dificuldades em identificar e refletir os momentos de suas famílias, por exemplo, durante a aula de identidades e memórias. Constituiu, assim, a necessidade dos próprios alunos de se perguntarem: “quem sou eu”, “de onde venho”, “de quem ‘herdei’ meus traços físicos”, “como foi minha festa de cinco anos e quem estava lá”, “qual era o nome da minha bisavó”, “meu avô tinha quantos anos quando se casou com minha avó”, “como foi a adolescência do minha pai, e a da minha mãe”, “conheço todos os meus tios e tias”, “conheço todos os meus primos e primas”, “onde moram os familiares que nunca conheci”?

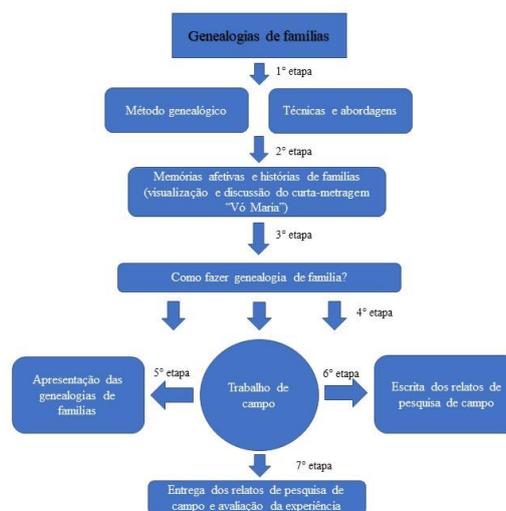
Com estes questionamentos em mente podemos traçar um movimento de emergir no passado e nas histórias das famílias dos estudantes. O tema *Genealogias de Famílias: histórias, memórias e narrativas* abre um leque de alternativas de reflexão acerca da compreensão dos indivíduos enquanto produtos do meio familiar, que relaciona duas dimensões de socialização: a família e a escola. As histórias de famílias se fundem também às histórias da escolarização dos sujeitos. Nesse contexto, dedicamos atenção especial às histórias de *confidência*, de namoros, de paqueras, de encontros no âmbito escolar: “meu pai conheceu minha mãe na escola em que estudavam”, “meu tio já via com outros olhos minha tia desde a época do aniversário dos amigos de escola”, entre outras narrativas. Por outro lado, as histórias de famílias são cadências de uma estrutura maior, são elas as genealogias. Esse sistema integra as composições dos laços afetivos:

filho(a), mãe, pai, tios e tias, primos e primas, avôs e avós, tios-avôs e tias-avós, bisavôs e bisavós, tataravôs e tataravós, incluindo também os parentes de segundo grau, em muitos dos casos deixados de lado, ou seja, esquecidos na linhagem familiar.

A aprendizagem do método genealógico teve como objetivo desenvolver a descrição do parentesco, da filiação e do matrimônio na família, a fim de conhecer a organização social e o passado, procurando estabelecer a estrutura familiar e os códigos, símbolos e rituais próprios da herança familiar (RIVERS, 1991). O método genealógico define um referencial de construção de um passado por parte do aluno, fazendo com que sua identidade seja construída a partir de referenciais próximos à sua convivência familiar.

Nessa circunstância, recortamos os seguintes conteúdos-chaves para as aulas: memórias, narrativas, método genealógico e genealogias de famílias. Com isto posto, desenvolveu-se um aprofundamento sistemático, processual e dialético para a produção das genealogias de famílias. As pesquisas de campo foram essenciais para a realização das entrevistas. Os procedimentos do trabalho de campo desenvolvidos pelos alunos foram apresentados em sala e problematizados com o grupo, no intuito de coletivizar os problemas e as dificuldades do campo. A meta de aprendizagem foi possibilitar aos estudantes a imersão nas histórias de famílias por meio de um aporte teórico-metodológico. A partir disso, ocorreu a sistematização dos dados empíricos, e a ressignificação dos sentidos – dos códigos, símbolos e rituais descobertos.

Figura 1: fluxograma da experiência pedagógica.



Fonte: o autor (2018).

O planejamento pedagógico teve a seguinte sistematização: Método genealógico, técnicas e abordagens (1º parte – teórica – individual); Memórias afetivas e histórias de família: visualização e discussão do curta-metragem “Vó Maria” (Tomas von der Osten, 2011) (2º parte – teórica – grupo); Como fazer genealogia de família? Figuras, imagens e vídeos (3º parte – teórica – grupo); Trabalho de campo (4º parte – prática, em três momentos – individual); Apresentação da genealogia de família (5º parte – prática – individual); Escrita dos relatos de pesquisa de campo (6º parte – prática e teórica – individual); Entrega e apresentação final dos trabalhos de campo (7º parte – prática – individual e grupo). Nas etapas 1º, 2º e 3º foi necessário o uso do projetor com caixa de som, para as outras etapas apenas pincel e quadro negro. Nas etapas 1º, 2º, 3º, 5º e 6º as aulas foram dialogadas.

A instituição escolar e os saberes práticos.

A instituição escolar onde foi desenvolvida a experiência pedagógica está localizada na cidade de Barreiras-BA, na região oeste do estado, de clima quente e seco, características do cerrado brasileiro. A cidade é conhecida como “A Capital do Oeste” e preserva uma ligação muito forte com a religião católica e a apropriação de valores tradicionais, em relação aos laços afetivos. O casamento, por exemplo, é um elemento de destaque para a manutenção dos valores da sociedade. “Quem se banha no Rio de Ondas nunca mais vai embora da cidade” ou “bebeu da água da cidade não sai mais dela” são algumas das narrativas, direcionando na maioria das vezes para o fator do matrimônio. Assim, a cidade é um lugar de criação de narrativas do viver e do se relacionar, lugar oportuno para dialogar sobre relações sociais, memórias e histórias de vida. Neste contexto social e urbano, a escola na qual trabalho possui alunos oriundos não apenas de Barreiras, mas também das regiões próximas, como os municípios de São Desidério, Luís Eduardo Magalhães, Baianópolis, Cristópolis e Angical.

Particularmente, os alunos do segundo ano do ensino médio vêm de diversas realidades sociais, econômicas e culturais. Em sua maioria de classe econômica baixa, suas famílias são de outros municípios do estado ou de outros estados do país. Alguns deles vieram para a cidade apenas para estudar. A instituição oferece bolsas de apoio estudantil – alimentação, transporte e moradia – e de pesquisa e extensão – PIBIC -, além de estrutura física de excelente qualidade, com laboratórios, salas equipadas com projetor e lousas digitais. O corpo docente, em sua maioria, é composto de professores mestres, efetivos e substitutos, oriundos de todas as regiões do país. O ensino médio

integrado possui os cursos técnicos de alimentos, edificações e informática, com grade, cada um, de três anos. A turma objeto deste projeto é o segundo ano do curso técnico integrado de informática.

Figura 2: localização da cidade de Barreiras-Ba.



Fonte: Google Imagens.

O histórico da turma supracitada com a disciplina de Sociologia tivera mudanças significativas. Em setembro de 2017 ocorreu a mudança de professor de Sociologia, com a minha entrada nesta turma. Havia desde esse momento um distanciamento dos alunos, um ruído na comunicação, que se prolongou até meados de dezembro do mesmo ano. Como a disciplina de Sociologia envolve aproximação e diálogo por parte dos estudantes tornou-se necessário repensar as metodologias de ensino. Começando a partir do diálogo com os alunos.

A interação professor-aluno apresentava barreiras de comunicação, e a Antropologia, campo central do segundo ano, deu margem para discussões mais próximas das vivências dos alunos. Emoções, sentimentos, histórias que evoluíam tristeza e dor, foram se revelando no decurso das aulas sobre os conteúdos de identidade, histórias de vida, memórias e métodos etnográficos. Perguntas direcionadas aos alunos que “gostavam de falar”, exercícios de rememoração de histórias, desenvolvimento de narrativas a partir da construção de personagens secundários nas histórias de famílias, foram alguns dos métodos utilizados para a investigação inicial do diagnóstico da turma.

As histórias de vida aos poucos se apresentavam: no conteúdo acerca da Antropologia do Crime, um aluno comentou que certa vez presenciou um crime em frente de casa, e perdeu um amigo querido da infância; no conteúdo sobre Antropologia de Gênero e Sexualidades, uma aluna comentou sua experiência quando presenciou uma situação de homofobia com um amigo; no conteúdo sobre

Antropologia Audiovisual e Antropologia do Ciberespaço, os alunos se colocaram a favor de uma educação que dialogasse com o uso de dispositivos de filmagens e de aparelhos de comunicação.

O segundo passo se desenhou durante as aulas: envolver os alunos em suas próprias experiências de vida no intuito de demonstrar como o conteúdo da Antropologia fala sobre suas vidas e suas histórias. Com isso, surge a necessidade de se perguntar: como nos relacionamos com as memórias de nossas famílias? Melhor: como nos relacionamos com o nosso passado e o que ele diz sobre nós?

Fruto de um processo de aproximação com as vivências e histórias de vida dos estudantes, superando o primeiro dilema – professor-aluno –, podemos resgatar a relação aluno-professor, tornando-os, os alunos, os personagens centrais na sala de aula. A força das histórias de vida foram se revelando aos poucos, e a relação aluno-aluno estabeleceram novas formas de interação na ordem da afetividade. Eles perceberam durante as falas uns dos outros como as histórias de vida se aproximavam do amigo ao lado. Deste painel, reiteramos a importância da alteridade, da empatia, do direito à fala. Antes, expressões de superioridade na relação aluno-aluno gerara mal-estar na sala de aula, e a revelação das histórias de vida mostraram uma nova etapa na superação da falta de empatia.

Este diagnóstico inicial teve a duração de seis semanas, entre janeiro e o final de fevereiro de 2018, durante as aulas expositivas e as apresentações de seminários temáticos, e obtive o seguinte dado: os alunos gostavam de falar, de contar suas histórias, de buscar mais informações, de exercitar a curiosidade, porque justamente, em casa e nos intervalos das aulas, com os amigos, eles não falavam sobre sentimentos, as dificuldades em casa, as memórias; não há, neste ponto, uma reverberação coletiva de suas sensações como sujeitos.

O espaço da sala de aula tornou-se um lugar de expressões: a aluna que gosta de levar lanche para a escola e oferecer aos colegas porque quando mais precisou alguém lhe ofereceu comida; a aluna que é afetiva com todos, porque em casa é um lugar de amor; o aluno que se sente sozinho, mas quando chega na escola gosta de estar com os outros; o aluno que, no início, teve dificuldades para se aceitar com uma deficiência, mas com o tempo conseguiu superar os limites da “diferença”; o aluno que possui alto nível de abstração e de desenvolvimento retórico, que conheceu as experiências de vida dos seus colegas de sala. Com este ambiente de aprender-ensinando, podemos dar início às genealogias de famílias.

Genealogias de famílias e a virada pedagógica.

A experiência pedagógica *Genealogias de famílias: histórias, memórias e narrativas* foi realizada entre fevereiro e maio de 2018, na ocorrência de duas aulas por semana e atividades de campo fora da sala de aula. As etapas foram desencadeadas em níveis de complexidade. Como os dados empíricos eram as emoções, as histórias e o passado, ou seja, material abstrato e de difícil *modus operandi* para alunos de ensino médio, o desenvolvimento efetivo deu-se após o primeiro diagnóstico, quando pude identificar as formas de anúncio e de construção de discursos dos alunos. Em outras palavras, como e por que os alunos falam.

Questionamentos como nomes dos parentes mais distantes, provocaram sustos em sala: “qual era o nome do seu avô? Que idade ele tinha quando teve o primeiro emprego?”. Balbucios, gagueiras, e um tempo depois: “não faço ideia professor, não tenho contato com minha família paterna”. Em outro momento: “como sua mãe fala da infância dela? Foi boa a época do colégio?”. Na volta da pergunta: “ela comenta com saudade. Foi nessa época que teve o primeiro namorado. Aliás, também namorou um primo, que hoje tá morando no sul...”. E se as narrativas transmitidas aos alunos forem ilusões, como já diria Bourdieu (1998), seria preciso desconstruí-las.

Para exemplificar, resolvi fazer uma dinâmica: organizei a sala em círculo, convoquei um aluno e contei uma história curta, com três personagens. Pedi a ele para repassar a história para o amigo do lado com fidelidade à história original, e assim por diante até a última aluna do outro lado do círculo. Resultado: a história se transformou em seis personagens, com acidente de carro e a entrada de gêmeos em cena. No fim, contei a “história original” e discutimos que enquanto falamos, e só falamos por causa da linguagem, remodelamos as histórias, atualizamos os códigos, ressignificamos os causos e os personagens, tiramos e acrescentamos o que bem entendermos. Assim iniciamos a experiência pedagógica sobre Genealogias de famílias: por meio da compreensão das narrativas de vida. Era a primeira reflexão: na investigação das genealogias de família seria preciso, inicialmente, se preocupar com os dados, os nomes dos familiares e, em seguida, pensar sobre as ilusões biográficas para a escrita do relato de pesquisa de campo.

O nível de complexidade da experiência pedagógica, como nos orienta Morin (2010), tornou-se crescente de forma que as indagações dos alunos se tornaram cotidianas: dados colhidos nas entrevistas, surpresas no percurso, dificuldades para montar a estrutura da árvore genealógica se tornaram questionamentos frequentes nos corredores da escola, visitas na sala

dos professores, mensagens por e-mail, conversas antes e depois das aulas começarem.

Na pesquisa de campo era preciso focar em um personagem, alguém que conhecesse a estrutura familiar: alguém com mais idade. Surgia, então, o encontro afetivo entre duas gerações: os alunos e seus avôs e avós e, em alguns casos, bisavôs e bisavós. Declararam que dificilmente sentariam com eles e fariam tantas perguntas sobre os anos 60, 50, 40, 30, 20 do século passado. As surpresas foram compartilhadas em sala semanalmente: primos que morreram jovens, tios que desapareceram, avós que tiveram encontros com personalidades mundiais, familiares que foram os primeiros moradores das cidades, alunos descendentes de escravos e de indígenas; a participação de suas famílias na história da Bahia e do Brasil, e os alunos sequer faziam ideia da multiplicidade de histórias e narrativas de vida.

Uma aluna comentou que fora entrevistar a sua mãe e ela confessou que perdeu um filho após o nascimento, e pôde conversar abertamente com a mãe sobre esse acontecimento; outro aluno informou que possuía vários primos, filhos dos seus 22 tios de linhagem paterna; uma aluna informou que teve dificuldades em fazer a árvore genealógica pois a sua família materna era brigada com a família paterna, mas que conseguiu se aproximar de alguns membros da família paterna para a realização do trabalho. Boa parte dos alunos, durante a pesquisa de campo, sentaram e folhearam álbuns de família, outros leram bilhetes e cartas dos pais dos anos 60 e 70; alguns observaram, com maior atenção, os quadros pintados com palheta preto-e-branco ou pastel dos seus bisavós e bisavôs nas casas dos seus avós e avôs. Bilhetes, cartas, cartões-postais, quadros, fotografias reveladas foram os materiais de apoio dos estudantes na investigação das genealogias de suas famílias. As entrevistas para a construção das genealogias de família tiveram a duração de três semanas, inclusive porque muitos dos familiares dos alunos residem em outras cidades, sendo esta uma das maiores dificuldades compartilhadas pelos alunos na pesquisa de campo.

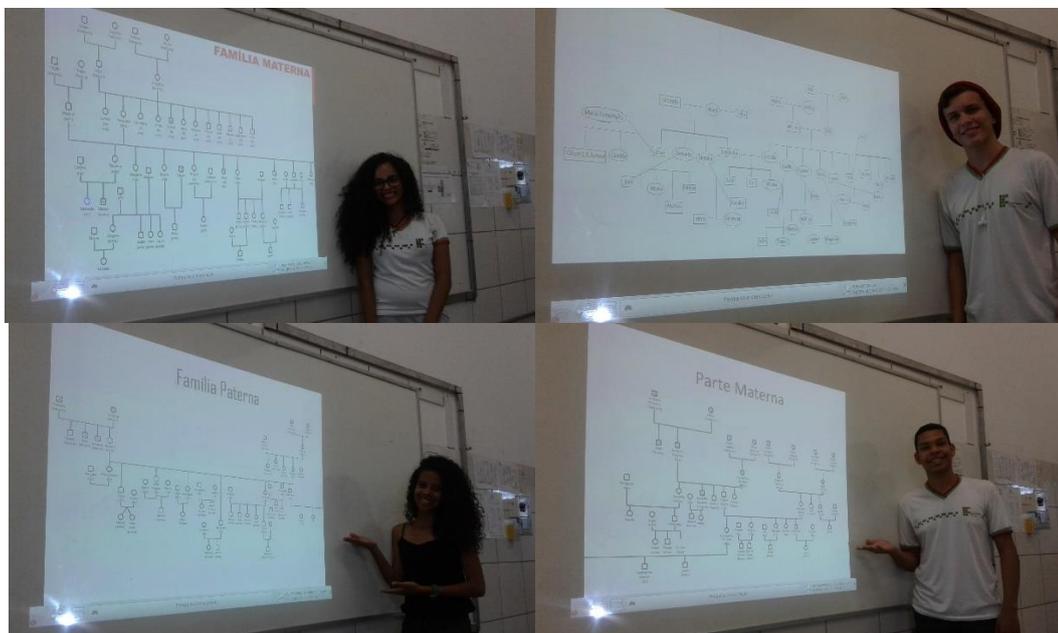
Este encontro entre gerações proporcionado pela entrevista teve impacto significativo na dimensão da afetividade e do compromisso com a atividade proposta em sala. Mesmo havendo dificuldades técnicas (a distância com os familiares) e afetivas (brigas que acarretaram na divisão das famílias), o engajamento por parte deles intensificou o nível de interpretação do conteúdo apreendido em sala com a aplicação no campo de pesquisa, o que podemos chamar de uma *virada pedagógica*, quando a teoria-prática tem efeito na autonomia dos estudantes (FREIRE, 2008).

No intuito de averiguar o desenvolvimento da pesquisa de campo e das entrevistas, os alunos apresentaram as árvores genealógicas em

sala de aula de forma individual. Os formatos foram em imagem/jpg, PDF, Word®, PowerPoint®, software GenePro® e manual. As dificuldades de confecção das árvores genealógicas se mostraram aparentes, como as questões referentes à sistemática das linhagens, que puderam ser coletivizadas, assim como os problemas de comunicação e da distância entre entrevistador e os entrevistados que foram superados pelos meios de comunicação como celular e vídeo-chamada. Alguns alunos viajaram por alguns dias para as cidades de suas famílias para realizar as entrevistas.

As árvores genealógicas apresentadas pelos alunos estão anexadas neste relato. Durante as apresentações individuais, podemos conhecer um pouco das famílias e das experiências de vida de cada um, assim como vislumbrar a expressividade e interesses deles na confecção da árvore genealógica. Alguns alunos produziram árvores genealógicas de forma clássica, utilizando o programa GenePro®, outros fizeram trabalhos manuais no PowerPoint® e no Paint®. O segundo passo da atividade foi a escrita do relato da pesquisa de campo, respondendo três questões centrais: como foi fazer a pesquisa (dificuldades e possibilidades); interpretar os códigos e narrativas colhidos na pesquisa de campo; e anexar documentos (cartas, fotografias, bilhetes, entre outros) encontrados.

Imagem 1: apresentação dos alunos(as) Manuella, Igor, Amanda e Guilherme.



Fonte: o autor (2018).

Foram escritos 18 relatos da pesquisa de campo, sendo que apenas dois alunos não conseguiram realizar o relato de pesquisa, apesar de terem realizado a pesquisa de campo, representando o percentual de 95% de participação.

Os trabalhos demonstraram as dificuldades enfrentadas e as possibilidades alcançadas por meio da construção das genealogias de famílias. A seguir vou compartilhar as falas dos alunos durante a experiência pedagógica.

“A elaboração desse trabalho no início foi muito confusa, mas com o passar do tempo e com as explicações foi ficando mais fácil, até porque não é fácil falar da nossa família ainda quando você não conhece metade dela”, relatou Everaldo.

Ele complementa:

Do meu ponto de vista, esse trabalho teve seus lados positivos e negativos, um dos lados positivos foi que com ele você passa a conhecer mais a história da sua família e passa a compreender porque até muitas das vezes é comparado com um tio, um avô. Um dos lados negativos mas também não deixa de ser positivo é que fica muito difícil você falar da história da sua família quando grande parte dela não se fala mais. A pior parte desse trabalho foi que ao mesmo tempo que você descobre coisas interessantes dos seus familiares, bate uma saudade tão grande daqueles que já se foram, e o que nos restam são apenas lembranças.

Para o aluno Thiago,

A genealogia é um método muito importante a ser utilizado, no mesmo pode-se ser descrito todos os seus ancestrais, e a partir disso cada um pode observar e relacionar as características individuais de cada um sobre nós. Durante a minha pesquisa sobre minha família obtive grandes dificuldades tais como distância, pois alguns componentes moram em cidades diferentes, entender algumas formas de ideologias de cada indivíduo, relacionar-me com algumas pessoas que não havia tanta intimidade e principalmente a questão do psicológico, pois quando relembramos o passado de alguma forma tanto positiva quanto negativa atingimos memórias emocionais de cada pessoa.

Da mesma forma, em nível de enfrentamento, Manuella relatou que:

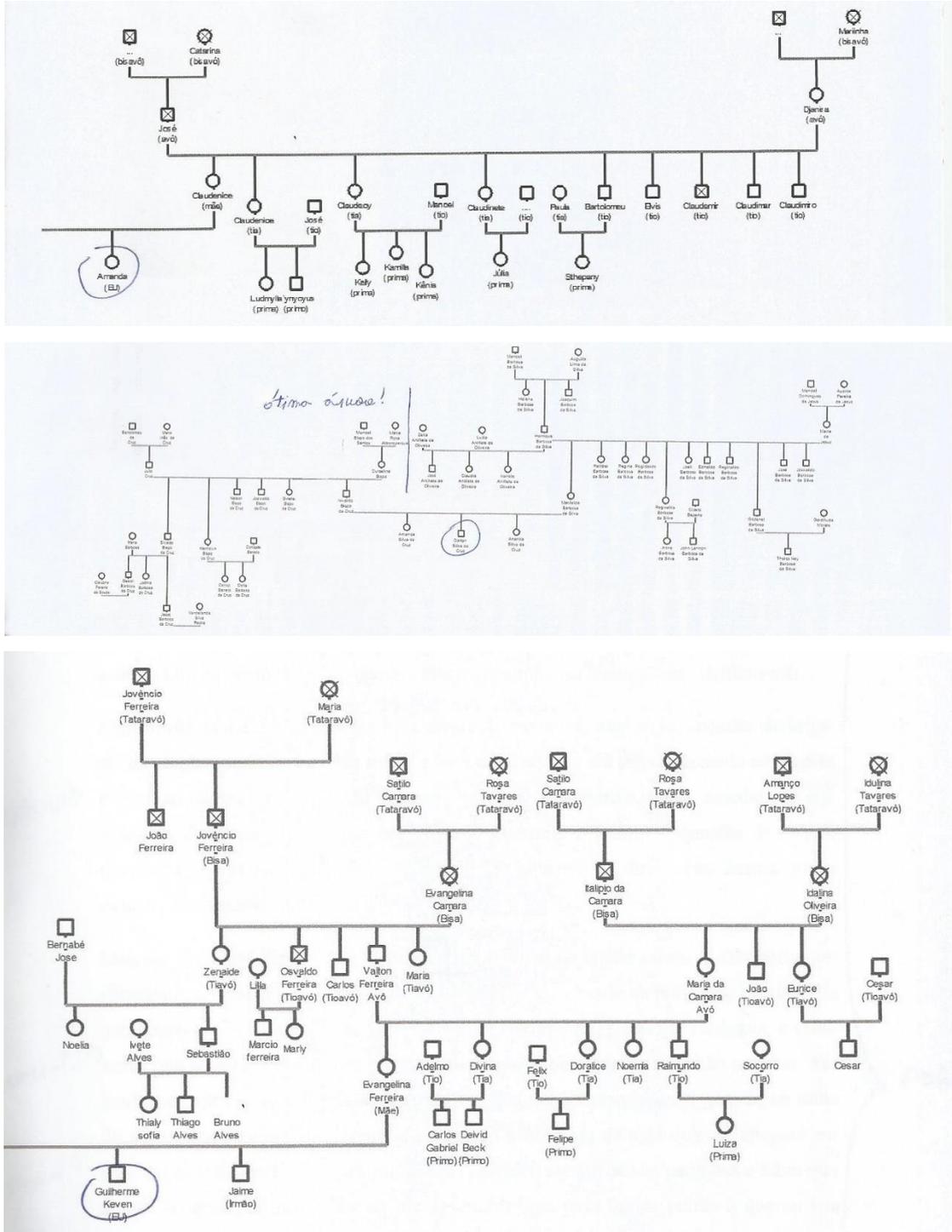
A minha família é muito grande, tanto por parte de mãe, quanto por parte de pai e eu não consegui tantas informações, principalmente dos nomes de todos os familiares. Meu pai não tem contato com meu avô e não lembra os nomes dos outros irmãos e irmãs dele, meus tios; e por parte de mãe também faltam suas primas que ela não tem contato e não sabe o nome.

A interpretação dos códigos familiares, e elementos como “honra” e “herança familiar” estão presentes nas narrativas dos estudantes de forma concisa e contextualizada. As genealogias indicam a constituição histórica e cultural da sociedade brasileira. A intersecção entre os conteúdos e a prática se relacionam nestes momentos. As disciplinas de História, Antropologia, Geografia, Filosofia, Biologia e Língua Portuguesa encontram espaço para dialogarem acerca das genealogias de famílias. Um exemplo disso é a narrativa construída pelo aluno Brian, que produziu uma genealogia dos nomes de sua família: “no Rio Grande do Sul, aquele que se conhece por Gaúcho, que muitos erroneamente associam a pessoas nascidas no Sul do Brasil, tratar-se-ia dos descendentes de indígenas, que também explica minhas descendências ao estado do Rio Grande do Sul”. Sobre seus familiares, bisavôs, o aluno acrescenta: “Djalma é um homem no qual não



se conhece muito a história, além de ser Paranaense e seu sobrenome ser Leão, [...] de origem portuguesa e estaria para a nobreza e força de família ou pessoa”.

Figura 3: genealogias de famílias produzidas pelos alunos.



Fonte: os alunos (2018).

Emoções e memórias estão presentes na narrativa da aluna Amanda, que produziu um relato envolvido nas lembranças das histórias da sua família e das suas próprias experiências de vida.

Na minha família materna sempre fui um pouco afastada. Eu moro em Barreiras desde que nasci e só fui conhecer minha família paterna com meus 3 anos, eu lembro muito bem porque foi quando eu vi a praia pela primeira vez, mas meus pais não se lembram desse momento. Com esse exemplo eu aprendi a analisar os fatos de ambas famílias, pois havia momentos em que meus tios contavam histórias marcantes para ele, mas quando eu perguntei ao meu pai ele não se lembrou. Com isso eu compreendi a importância da entrevista com mais de uma pessoa.

Famílias que possuem apenas “homens na cozinha”, oito tios que têm a vogal “E” no início de cada nome, e a recorrência do elemento da “honra” nos relatos dos alunos representam o aprofundamento e a criticidade nas reflexões sobre as narrativas dos entrevistados. Como apresentou a aluna Emily, “obtive inúmeras informações da vida dos meus familiares, informações estas até então desconhecidas. Senti dificuldades em alguns aspectos durante o ‘garimpo’ das histórias, pois havia pontos irrelevantes, sendo preciso um olhar mais focado no que realmente era essencial para a elaboração desse trabalho”. Para ela, “fez-se necessário anotar várias peculiaridades sobre a vida de cada parente, demonstrar um cuidado na hora de perguntar certos detalhes aos entrevistados e principalmente ter conseguido exercitar a capacidade de me sensibilizar com a história do próximo, e não sair julgando suas escolhas ou seus erros”. A aluna conclui da seguinte forma: “sendo assim, finalizo meu trabalho com a sensação de dever cumprido, pois enquanto pesquisava a respeito de cada um, tinha a impressão de estar vivendo aqueles momentos que são únicos e intocáveis”.

Considerações finais.

A experiência pedagógica possibilitou a definição de quatro elementos constituintes para o que chamei de *virada pedagógica*: aos alunos a reflexão crítica sobre os conteúdos discutidos em sala, a gerência da aprendizagem no desenvolvimento do campo de pesquisa, a autonomia frente às questões de ordem prática colocadas pela pesquisa de campo e a racionalização dos sentidos identificados através das entrevistas. Sair da sala de aula, cotidiano e “viciado” pelo sistema, superou as expectativas levantadas no início da atividade.

Junto aos alunos podemos refletir e avaliar sobre as nuances da atividade desenvolvida. No quesito sobre a gerência da aprendizagem no desenvolvimento do campo de pesquisa, foi avaliado sentidos sobre os conteúdos discutidos e as sensibilidades desenvolvidas nas entrevistas pelos alunos. Neste

ponto está presente a dimensão da autoria dos jovens pesquisadores do segundo ano. O acompanhamento semanal, as conversas de corredor e as angústias compartilhadas acerca da pesquisa de campo desmistificou a inexperiência dos mesmos em realizar entrevistas, em descortinar os segredos e as histórias de famílias. Justamente nesta gerência da aprendizagem no desenvolvimento do campo de pesquisa definimos como um elemento constituinte e inaugural do processo de ensino-aprendizagem.

O segundo elemento identificado tem relação com a reflexão crítica dos conteúdos ministrados na mobilização do campo de pesquisa. Em sala de aula, antes das entrevistas, os conteúdos sobre memórias, afetividades, trabalho de campo, técnicas de pesquisa possuíam engajamento teórico. Nas apresentações individuais das genealogias de famílias a reflexão crítica destes conteúdos teóricos se transformaram em referenciais para a construção de uma pesquisa da *práxis*.

Como prerrogativa da reflexão crítica dos conteúdos estudados, a autonomia dos estudantes na pesquisa de campo e a racionalização dos sentidos identificados nas entrevistas através das narrativas atualizaram a avaliação da experiência pedagógica enquanto atividade didática, pedagógica e, sobretudo, humana. A iniciativa trouxe aos alunos a oportunidade de emergir em suas próprias histórias situando e mobilizando conceitos científicos, problematizações de alto nível de reflexão teórica e a autonomia de criar e produzir leituras pessoais sobre suas próprias identidades.

Na existência de um sistema educacional onde as individualidades são oprimidas, os estudantes precisam encontrar espaços para gerar expressões, representar suas vontades e suas identidades culturais. Nada mais oportuno que proporcionar, no espaço da sala de aula, estes momentos de liminaridade entre os sujeitos. A experiência pedagógica Genealogias de famílias: histórias, memórias e narrativas teve como objetivo o de colocar como os atores centrais do espaço da sala de aula, e fora dela, os seus verdadeiros atores sociais.

A experiência pedagógica desenvolvida com os estudantes utilizou de ferramentas humanas, como o diálogo, a leitura e a interpretação das narrativas colhidas pelas entrevistas. Dessa forma, a atividade pode ser replicada por outros professores em distintas realidades sociais, econômicas e culturais, porque lida justamente com a particularidades dos sujeitos: as emoções, as histórias e as narrativas de vida. Desse cruzamento tem-se os dados empíricos para análise antropológica em sala de aula. Como a atividade Genealogias de famílias tem como objeto de pesquisa as pessoas e suas memórias, as dificuldades, para uma possível replicação, envolve o dinamismo como os processos

serão desenvolvidos em sala, com os alunos, e fora de sala, com os alunos e seus familiares.

Do resultado desta prática pode-se esperar o elemento da curiosidade, por parte dos estudantes, em administrar e se relacionar com o objeto de pesquisa de forma próxima-distanciando. Esta relação provoca nos mesmos, sensações que são compartilhadas durante e após a realização da experiência de campo. No fim da prática, o professor poderá avaliar as etapas de aprendizagem sobre a teoria e os conteúdos, e as práticas dos estudantes na pesquisa de campo, a partir das apresentações das árvores genealógicas e dos relatos das experiências de campo.

Referências.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: Ferreira, M. de M. & Amado, J. (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

RIVERS, William Halse. “O método genealógico na pesquisa antropológica”. In: OLIVEIRA, R. C. (Org.). **A Antropologia de Rivers**. Campinas: Unicamp, 1991.